



SANTO DO SERTÃO: REPRESENTAÇÕES DE UM MÁRTIR EM ALFREDO MARIEN

BACKWOOD'S SAINT: REPRESENTATIONS OF A MARTYR IN ALFREDO MARIEN

Eliziane Fernanda Navarro 1

Mestra em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2016), com pesquisa na área de Literatura e vida social em países de língua portuguesa. Especialista em Tradução em Espanhol pela Universidade Gama Filho (2012). Possui graduação em Letras Português Espanhol e Literaturas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2010). Atualmente é professora tutora especialista em espanhol na UAB/UFMT. Atua, principalmente, com os temas: literatura latino americana, mitologia, colonização, narrativa de viagens e literatura e marginalidade. Email: efnavarro4@gmail.com

Resumo: Neste estudo, interessa-nos analisar, dentre os aspectos míticos e simbólicos da obra *Era um poaieiro* escrita pelo autor francês Alfredo Marien, publicada em 1944, com segunda edição lançada em 2008 pela Editora UNEMAT em parceria com a Academia Mato-Grossense de Letras, a trajetória do protagonista Brasilino, a partir das concepções teóricas que defendem a manifestação dos mesmos modelos arquetipais em criações artísticas de diferentes épocas. Neste caso, focamos nas representações do herói moderno que apresenta traços do heroísmo clássico, enquanto mártir em sua sociedade. Ao morrer no dia em que é comemorado “São Sebastião”, esta “coincidência” nos serviu de base para analisar a relação entre os dois, a personagem da ficção e o santo. Assim, Brasilino, ao morrer torna-se mártir, emblema e prefiguração do que ocorrerá com a mata mato-grossense, tornando inevitável, consequentemente, o estudo do personagem sob o viés arquetípico. A obra em questão é fruto da vivência do autor francês no interior de Mato Grosso na época em que, em virtude do apogeu da poaia, o estado acolheu centenas de imigrantes que buscavam fazer fortuna no novo Eldorado. Neste período, Marien absorveu narrativas orais e costumes dos povos da região que mais tarde deram origem a sua única produção publicada. Este estudo está fundamentado nos pressupostos teóricos defendidos por Gilbert Durand, Joseph Campbell e Junito Brandão.

Palavras-chave: imaginário; narrativa; herói; *Era um Poaieiro*.

Abstract: In this study, we are interested in analyzing, among the mythical and symbolic aspects of the work *Era um poaieiro*, written by the French author Alfredo Marien and published in 1944, with a second edition launched in 2008 by Editora UNEMAT in partnership with Academia Mato-Grossense de Letras, the trajectory of Brasilino, the protagonist of the book, starting from the theoretical conceptions that defend the manifestation of the same archetypal models in artistic creations of different times. In this case, we will focus on the representations of the modern hero who presents traces of classic heroism as a martyr in his society. When dying on the day that St. Sebastian is celebrated, this “coincidence” served as a basis for us to analyze the relationship between the two men, the character of the fiction and the saint. Thus, with the death, Brasilino becomes a martyr, emblem and prefiguration of what will occur with the forest of Mato Grosso, making inevitable the study of the character under the archetypal bias. The work is the result of the author experience in the countryside of Mato Grosso at the time when, due to the poaia cycle apogee, the state welcomed hundreds of immigrants who sought to make a fortune in the new Eldorado. In this period, Marien absorbed the oral narratives and habits of the state people that later gave rise to its only published production. This study is based on the theoretical assumptions advocated by Gilbert Durand, Joseph Campbell and Junito Brandão.

Keywords: imaginary; narrative; hero; *Era um poaieiro*.

Introdução

Está na essência do fim a prefiguração de um novo começo. Os pilares da ciclicidade fundamentam religiões, filosofias, e conseqüentemente, a maneira como o homem se comporta em sociedade. A maturidade humana é estipulada pelo fim e o início de fases, o status civil pressupõe o fim de outro, as religiões entende a morte como o caminho para uma vida nova, seja em carne ou em espírito, a própria história da humanidade é determinada por períodos. Aprendemos então, que se nada é para sempre, a existência humana constitui-se como uma jornada.

Correlata a definição de jornada está a busca por um ideal. Seja algo concreto ou mesmo um ideal abstrato, possível ao homem enquanto ser com habilidade de se desenvolver físico e mentalmente, certo é que essas aspirações cerceiam os mais diversos corpos sociais. É nessa trajetória de descobrimentos que homens comuns se sobressaem quando sua busca se fundamenta em algo maior que suas próprias necessidades, quando priorizam o coletivo em detrimento a si mesmo, tal qual se passa com o protagonista da narrativa de Alfredo Marien *Era um poaieiro*.

Publicada pela Editora Técnica em 1944 e em 2008 pela UNEMAT em parceria com a Academia Mato-grossense de Letras, a obra em questão narra a história de Brasilino, jovem mato-grossense que, após chegar do serviço militar em São Paulo, organiza uma expedição para tentar a sorte nas matas fechadas da poaia¹. Uma vez bem sucedido, teria condições financeiras para se casar com Teresa, que é filha de Vicente. A moça corresponde ao amor do rapaz e por conta disso, resiste às investidas de Gonçalo, outro pretendente. Antes de partir em caravana em busca do vegetal, Brasilino passa em casa de Teresa e descobre que seu rival Gonçalo irá mascatear pela mata e Vicente o acompanhará. Ele encontra Filipe, seu amigo de escola e quartel, que também irá se casar em breve. Já na mata, o grupo constrói uma feitoria, e enquanto se dedicam à extração da poaia, enfrentam feras, se divertem com casos de outrora e fazem novos amigos.

Ao ir a Barra do Bugres vender a poaia colhida, Brasilino descobre que esta teve grande alta no preço, mas mesmo diante da tentação de esconder este fato dos poaieiros, ele não o faz. Pouco tempo depois morrem os sertanejos Manelão, doente na feitoria e Elpídio, vítima de uma onça. Preocupada, dona Paula, mãe de Brasilino envia Bojuí, seu outro filho à mata. Ele também leva consigo uma rede, presente de Teresa para o namorado. Doente, Brasilino recebe a visita de Filipe, que o convence a voltar para Rosário por alguns dias.

Neste ínterim, Teresa aguarda pacientemente a chegada do amado, que volta enfermo para se tratar e, com a ajuda do amigo Filipe, com quem o pai da moça possuía uma dívida alta, consegue o consentimento para se casar com ela. De partida, mais uma vez, para um último período de colheita, Brasilino encontra em Barra do Bugres o outro pretendente de Teresa, Gonçalo, que lhe atinge mortalmente com um golpe de faca no peito.

Com esse enredo, Marien constrói sua obra, talvez a única obra de ficção em que se tem registrada a atividade extrativista da poaia. A exportação da poaia teve grande importância econômica no estado de Mato Grosso, que se consagrou como o maior produtor dessa raiz, aproximadamente de 1878 a 1960. Sua extração, para fins medicinais, atraiu trabalhadores do país inteiro e Barra do Bugres concentrou grande número desses poaieiros devido a abundância do vegetal na região. A exploração das matas da poaia, e depois sua substituição por produtos químicos nos laboratórios europeus, contribuíram para a redução não só da quantidade do vegetal no estado, como também com o seu valor no mercado internacional.

Em *Era um Poaieiro*, Alfredo Marien trata de representar a saga de homens que se lançavam nas matas para o extrativismo, no início do século XX, em Mato Grosso e, por serem comuns trabalhadores, foram mantidos à margem da história, mas tiveram seu valor resgatado e perenizado nas personagens da obra. Com um enredo forjado neste contexto social determinado, Marien expõe as intempéries e o sistema organizacional de exploração marginalizado que fundamenta uma cultura de extração. A composição do autor se faz ainda sensível abrigo de lendas e costumes locais.

A trajetória de brasilino

Neste estudo, interessa-nos a trajetória do protagonista Brasilino que, admirado por sua

¹ Cientificamente chamada de Ipecacuanha, raízes dessa planta com propriedades vomitivas foram largamente exportadas para os laboratórios europeus no século XIX.

ética e situação moral, detém alguns traços do heroísmo clássico, mesmo sendo um herói moderno. Antes de adentrar na jornada de Brasilino, convém primeiro situar alguns pontos relevantes no que tange a qualificação de alguns seres como heróis. De acordo com Jung, citado por Feijó:

O mito universal do herói refere-se sempre a um homem ou a um homem-deus todo-poderoso e possante que vence o mal, apresentado na forma de dragões, serpentes, monstros, demônios, etc, e que sempre livra seu povo da destruição e da morte. A narração ou recitação ritual da cerimônia e dos textos sagrados e o culto da figura do herói, compreendendo danças, música, hinos, orações e sacrifícios, prendem a audiência num clima de emoções, exaltando o indivíduo até sua identificação como o herói. (FEIJÓ,1995, p. 21)

Assim, a mitologia dos povos primitivos está carregada de cultos a homens cujas qualidades se destacavam na sociedade. É esta classe de homens que denominamos heróis. Nessa perspectiva tem-se, mediante o comportamento e a maneira de encarar o mundo, a divisão dos heróis em duas partes distintas: o herói clássico, que se refere ao épico e o moderno também denominado problemático.

O herói clássico não se detém diante da necessidade de fazer algo por seu povo ao contrário, usa suas qualidades sempre tão superiores, com fins de merecer o heroísmo a ele relacionado. O herói moderno, por sua vez, aparece mais humanizado, mais próximo do ser humano com seus defeitos e fraquezas.

O herói problemático é, então, a categoria literária que designa um tipo de personagem que se caracteriza justamente pela “busca degradada e, por isso, inautêntica de valores autênticos num mundo de conformismo e convenção [...]” (GOLDMANN, 1976, p. 9). O herói problemático difere radicalmente do herói tradicional épico, em perfeita harmonia com o mundo, o qual, segundo Lukács (apud GOLDMANN, op. cit., p. 118), não conhece perguntas, apenas respostas. Por isso, o questionamento da sua situação é uma constante do herói problemático e primeiro sintoma da ‘ruptura insuperável entre o herói e o mundo’ (RIBEIRO et al. 2000,p. 9).

Diferente do herói romanesco então, o problemático está mais próximo do homem comum, com defeitos, fraquezas e questionamentos. O que propomos, portanto, é verificar no protagonista da trama mato-grossense sua condição enquanto herói que, embora moderno, dialoga com a concepção de herói épico. Iniciamos por esta passagem da obra de Marien (2008, p. 57-58), em que não só Brasilino, mas todos os homens envolvidos na atividade extrativista são tomados como heróis:

Entre os demais sertanejos constituem os poaieiro um povo à parte mais heróico talvez do que os próprios garimpeiros e seringueiros. Extremamente sóbrios, resistentes e destemidos enfrentando e vencendo cada dia toda espécie de perigos, dedicam-se a um trabalho árduo, palmilhando sozinhos, o pior tempo possível, imensa mata virgem, semelhante à da Amazônia. Cada ano ficam alguns poaieiros perdidos, extraviados no labirinto das corixas, ou devorados pelas feras, ou vitimados pelas moléstias; vitimados, mas não vencidos, nessa luta do homem contra a natureza, pelos vermes que lhes roubam as forças, pela febre que os prostra, pelas feridas bravas que lhes corroem os corpos de bronze. (MARIEN, 2008, p. 57-58)

Enquanto no Oriente as pessoas têm seus destinos traçados de acordo com a classe social em que nascem, as sociedades ocidentais possibilitam a construção desse destino baseado na coragem e determinação diante de cada escolha a ser feita ao longo da vida. Nos poemas épicos de

que se tem registro na literatura ocidental, *Ilíada* e *Odisséia*, por exemplo, os heróis também tinham seus destinos já traçados por deuses, não havia espaço para a subjetividade.

A individualidade adquirida pelo sujeito inviabilizou a representação do herói nos moldes épicos na modernidade. O herói moderno, embora possa apresentar alguns traços daquele antigo herói, é um ser que tenta modificar e interferir no próprio destino, independentemente de conseguir ou não.

Ao observarmos a trajetória de Brasilino na obra, desde sua decisão em ir para a mata, todos os obstáculos que vence até a morte por traição, além de sua personalidade ética e de liderança, podemos dizer que Marien o criou nos moldes de um herói, um personagem para ser lido e interpretado com admiração.

Corajoso, ético e valente Brasilino enfrenta os perigos e luta pela sobrevivência na mata selvagem, sempre levando em consideração o seu povo e o que este espera dele. Ele demonstra qualidades superiores em diversos pontos da obra, como quando não cai nas tentações de prejudicar seus companheiros na hora de fazer o pagamento da poaia colhida, quando se recusa a tirar proveito do aumento no preço do vegetal: “Ora, eu poderia fazer como os outros patrões, isto é, ficar firme no nosso trato e pagar-lhes o taxado... “Trato é trato!” Mas eu não quero. Vamos rachar a diferença. (...)” (MARIEN, 2008, p. 129) ou quando resiste em passar no Assaí, terra de Teresa.

Mas não podia! Não ficava direito! Praticamente era muito fácil; mas moralmente era impossível. Que diria a velha, lá no Tangará? E a própria Teresa? E tio João? E o pessoal todo? Que faria o Poconeano, não o encontrando, ao chegar com o Barão carregado de poaia? Não, não devia pensar mais nisso. Os companheiros não agüentavam? Não viviam eles também curtindo saudades? Bom exemplo lhes daria ele, fazendo isso... (MARIEN, 2008, p. 120).

O jovem adentra na floresta, não para combatê-la e sim para buscar a poaia que aparece como a “dádiva” do outro mundo que o herói precisa buscar. Mesmo quando abre uma clareira e é repreendido por um fiscal, é perceptível que trata-se de um ato instintivo, de sobrevivência, sem intenção de maltratar a mata. Questionado acerca da necessidade de se acabar com os vandalismos que destroem a mata virgem, Brasilino responde: “– Acho, sim!... – respondeu Brasilino, ardentemente. – Se eu tivesse pensado nisso, esta clareira seria menor, embora não seja tão grande...” (MARIEN, 2008, p. 87).

Convém ressaltar também, que o personagem extrai a poaia na época permitida, ou seja, no tempo da chuva, já que assim a planta volta a nascer, ao contrário do que acontece com os ramos na seca. A retirada inconsequente do vegetal gera o desaparecimento desta mata. Se pensarmos na época em que a extração da poaia era uma atividade econômica importante em Mato Grosso, primeiros meados do século XX, a preocupação ecológica do personagem Brasilino acentua ainda mais seu caráter ético, pois, na época, não circulavam, como circulam hoje, discursos e debates sobre a preservação das florestas.

Com a redescoberta da escrita na Grécia, poetas como Homero, tiveram a oportunidade de catalogar algumas narrativas orais, e o produto dessa absorção cultural resultou em obras como “*A Odisséia*” e “*Ilíada*”.

Na era clássica, os feitos heróicos eram cantados em forma de versos nas epopeias, cuja estrutura implica na complicação do enredo em detrimento ao espaço, tempo e, sobretudo a personagem que por não estar em crise é mais simples. Fazem parte da epopeia os elementos compreendidos em uma narrativa: narrador, história, personagens, tempo e espaço. Na era moderna, as epopeias foram substituídas pelos romances, contos e novelas. As diferenças entre esses dois tipos textuais vão desde a ausência de regras e modelos, como o fim da metrificacão, a existência de conflito interior, já que os protagonistas são pessoas comuns livres da “perfeição” clássica. Em virtude dos personagens mais complexos, o enredo é simplificado.

Para Mircea Eliade, os temas dos relatos épicos e das narrativas romanescas não mudam, os modelos transmitidos do mais longínquo passado não desaparecem [...] Todas as criações

(uma casa, um filho, um poema) têm como modelo a cosmologia (isto é, a regeneração – ou reintegração – na perfeição original). Trata-se, sempre, de um encaminhamento iniciático: retorno individual à origem, passagem, renascimento. Para Eliade, com efeito, a literatura é a expressão de uma revolta contra o tempo histórico, e o personagem literário escapa a seus condicionamentos. A criação artística é um esforço para recriar a linguagem a fim de permitir a passagem do verbal ao formal, o acesso à sacralidade, pois que se trata de viver o universal e o intemporal (BRANDÃO, 2001, p. 587).

Os personagens de Homero estão inseridos em um mundo clássico, onde a crença em um destino “escrito nas estrelas” por alguma divindade impedia o herói de fazer escolhas e extinguia de suas mãos o poder de direção, ao contrário do mundo moderno, ele aceitava sua vida sem questionar o destino.

Assim, embora os deuses houvessem decidido que Odisseu voltaria para casa, Penélope desconhecia esse fato, e como personagem clássica ela está isenta de um universo em crise, não há relatos de seus tormentos psicológicos, isso porque sabe que o destino não depende dela. Dessa maneira, o ato de fiar representa a esperança de que o marido volte e o adiamento do casamento com outros pretendentes, conforme rezava a tradição daquela sociedade. Mesmo sem o livre arbítrio de decidir sua vida, Penélope é detentora do poder relacionado às fiandeiras e com isso ela interfere no destino, inconscientemente, não mudando, por depender da vontade de entidades superiores, mas adiando. Ela não pode chegar ao fim de seu trabalho por desconhecer o futuro, por isso ela faz e desfaz a mortalha.

Já Teresa e Brasilino, são partes de um texto inserido em um contexto moderno, cuja premissa de individualidade que é parte do herói, faz com que ele tenha nas mãos o poder de decisão relacionado a sua vida. É Teresa, a personagem de Marien, quem escolhe esperar por Brasilino, assim como parte dele a decisão de se ausentar para a mata da poaia. Como quem tem consciência de sua existência, os dois planejam o futuro, o que remete a uma ideia de domínio do destino, de livre arbítrio. Enquanto personagem moderna ela pode interferir no destino. O que a aproxima de Penélope é que, em ambas, a espera do amado relaciona-se ao ato de tecer. Também em ambas, concluir ou não o trabalho, não é caso pensado, pois a relação com o arquétipo da fiandeira está no plano do inconsciente.

Brasilino, da mesma forma é um personagem moderno, embora traga em seu caráter algumas nuances do heroísmo clássico como, por exemplo, a ética e a coragem. Como herói do mundo moderno, entretanto, ele tem poder de decisão sobre sua vida, escolhe ir para a mata, se casar com Teresa, etc. Trata-se ainda, de um personagem lógico e previsível que por estar inserido em um mundo de relações de poder que permite a existência de entidades sobrenaturais, suas escolhas são pautadas predominantemente pela razão, quer ganhar dinheiro para comprar uma terra, etc.

Convém mencionar a noção de trajeto antropológico defendida por Durand (2004), que é o intercâmbio, no âmbito do imaginário, entre o subjetivo e o meio social e parte então tanto da cultura como do psicológico. Dessa forma, Teresa e Brasilino, pelas intimações objetivas, conhecem-se, apaixonam-se e imaginam uma vida juntos, e, pelas circunstâncias históricas, culturais e sociais empenham-se em realizar esse sonho. Brasilino enfrenta um concorrente, dispõe-se à tarefa de colher poaia, enfrenta todos os desafios. Teresa dispõe-se a esperá-lo.

Analisado sob o viés do imaginário, tanto as questões cotidianas e sociais como as psicológicas determinam a ação de Teresa tecer e de Brasilino ir à festa de São Sebastião. Assim, se interpretarmos o percurso dos dois personagens e o desfecho a que são submetidos pela via do mito, ou seja, levando em conta que o mito se repete, apenas é contado de modo diferente, o destino deles já estava traçado. Nesse sentido, Brasilino, mesmo sendo um herói moderno, apresenta traços do épico, que não são predominantes, mas existem. As decisões, o destino, tudo o que envolveu a vida dos dois, foi motivado, ocasionado, não só pela parte racional, pela conjuntura do contexto, mas também pela imaginação, pelas pulsões mais íntimas e pela jornada, que nos ditames de Joseph Campbell (2008), já está preestabelecida.

O mitólogo Joseph Campbell (2008, p. 136) afirma a existência de uma matriz condutora, que assim como os arquétipos propostos por Jung, une todas as histórias antigas e contemporâneas. Trata-se do que ele define como “a jornada do herói”, ou seja, é a mesma trajetória cíclica percorrida pelo herói mitológico em diversas culturas.

A referida jornada tem seu início no momento em que o herói deixa seu espaço experimentado para se aventurar no desconhecido. Esta saída se dá, ora através do sentimento de opressão, ora por um chamado à aventura.

Esse primeiro estágio da jornada mitológica — que denominamos aqui ‘o chamado da aventura’ — significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida. Essa fatídica região dos tesouros e dos perigos pode ser representada sob várias formas: como uma terra distante, uma floresta, um reino subterrâneo, a parte inferior das ondas, a parte superior do céu, uma ilha secreta, o topo onde uma elevada montanha ou um profundo estado onírico. Mas sempre é um lugar habitado por seres estranhamente fluidos e polimorfos, tormentos inimagináveis, façanhas sobre humanas e delícias impossíveis (CAMPBELL, 1995, p. 34).

No primeiro capítulo de *Era um poaieiro*, Brasilino deixa o conforto do lar maternal para adentrar na Mata da Poaia em busca desse vegetal. A promessa da volta gloriosa com o dinheiro necessário para realizar seu casamento com Teresa aparece como o chamado à aventura na vida do jovem, constituindo o primeiro passo da “jornada do herói”:

Deitado na rede, Brasilino meditava, no silêncio da madrugada, aguardando a hora de chamar os companheiros. No seu espírito, desenrolavam-se rapidamente as fases sucessivas da safra: a viagem até ao centro da Mata da Poaia; a instalação da Feitosa, lá pelas cabeceiras do rio dos Bugres; os longo meses de trabalho no tempo das águas, sem ver o sol; e enfim a volta gloriosa, com o dinheiro necessário à realização do seu grande propósito (MARIEN, 2008, p. 27).

Neste sentido, o herói atende ao chamado, para iniciar uma temporada de desafios múltiplos que vão desde o encontro com feras e, sobretudo, enfermidades mortais. Brasilino tem que lutar pela sua sobrevivência, encarando seus medos, a consciência da morte e todas as provações que lhe são confiadas durante este exílio na mata selvagem. Um exemplo é a passagem que relata a morte do poaieiro Elpídio: “Achamos primeiro o saraquá e logo encontramos o corpo, todo embolado, já meio comido... É onça. O rastro dela até que não é grande. Deve ser parda...” (MARIEN, 2008, p. 143).

Uma vez atendido o chamado, que não é necessariamente a única opção, o herói irá enfrentar seus medos, realizando o que Campbell denomina “a travessia do limiar” do consciente para o inconsciente, sendo que a representação do inconsciente muda conforme o contexto cultural, podendo remeter a imagens de oceanos, florestas, desertos etc. Ao atravessar o limiar, um dos desafios encontrados pelo herói é o encontro com a sua sombra. A esse respeito Campbell diz:

Outro desafio no limiar pode ser o encontro com a contraparte escura, a sombra, em que o herói resplandecente encontra o sombrio. Este pode tomar a forma de um dragão ou de um inimigo maligno. Em todo caso, o herói tem de matá-lo e entrar vivo no outro mundo (CAMPBELL, 2008, p.139)

O encontro com sua sombra é somente um dos desafios que devem ser vencidos pelo herói neste outro universo, porém ele contará com a ajuda de figuras protetoras que representam o poder do bem e o auxiliam e fornecem amuletos para que o herói não esqueça que, mesmo em meio ao perigo iminente, ele não está sozinho. “Basta saber e confiar, e os guardiães intemporais

surgirão” (CAMPBELL, 2008, p. 40)

Concretizada a passagem do limiar, surgirão ajudantes mágicos que lhe darão ferramentas de auxílio em seu caminho. No caso da obra analisada podemos perceber esta relação entre tio João e Brasilino. O tio aparece como o sábio ajudante e protetor que aconselha o aventureiro em diversos momentos de sua jornada, “– Neste caso, espero que tenha juízo, rapaz! E também você não pode ir assim desprevenido, por este deserto... Espere ai, vou-te arranjar uma matula... (...) O ancião tem seu valor reconhecido pelo sobrinho: “Tio João era um homem precioso” (MARIEN, 2008, p. 38).

A partir daí aparecerão as provações cujo grau de dificuldade aumentam com o passar do tempo, mas que representam “um processo de iniciação nos mistérios da vida” (CAMPBELL, 2008, p. 140). Como exemplo dessas provações na obra analisada, temos a lida com os animais selvagens e o próprio desgaste a que se submete o poaieiro na floresta.

Antes que o velho terminasse a frase, enorme bola escura caiu, como se fosse do céu, no meio do terreiro. Diversos tiros partiram ao mesmo tempo. Pondo-se de pé, como um homem, a onça avançou na fumaça, a boca escancarada, as garras estendidas, (...) (MARIEN, 2008, p. 133).

Com a entrada de dezembro, a chuva apertou, entristecendo o ambiente e complicando o trabalho. Viviam sempre encharcados, dentro do mata fria. As corixas enchiam-se. Mas a poaia continuava saindo. Na feitoria, a vida de Brasilino ia ficando cada vez mais triste, as feridas haviam-se agravado ao ponto de obrigá-lo a ficar deitado, dentro do mosquiteiro, para livrar-se dos borrachudos e motucas de toda espécie que as suas chagas atraíam. A febre voltava, intermitentemente, enfraquecendo-o cada vez mais. O próprio tempo chuvoso, sem luz e sem ar, cooperava com os sofrimentos físicos para entristecê-lo enchendo-o de saudades do lar, dos campos cheios de sol... (MARIEN, 2008, p. 130).

Nessa perspectiva, Campbell enumera quatro provas as quais o herói pode ser submetido em sua jornada. O primeiro desafio é o de integração da *anima-animus*, que se trata do casamento sagrado com a deusa-mãe. O segundo refere-se à reconciliação com o pai, resultado da busca por si mesmo, onde a mulher ou é a guia ou a sedutora que o desvia do caminho. A terceira fase é a apoteose quando o aventureiro descobre que aquilo que busca é ele mesmo. Vencido esse caminho de provações, o herói deve retornar ao seu mundo. Essa obrigação, no entanto pode ser recusada pelo herói que, por diversos motivos, pode optar por fixar residência neste outro universo. A volta gloriosa ao seu espaço conhecido implica na posse de uma “dádiva” resgatada do outro mundo por parte do herói, que retorna, ou por meio de uma fuga mágica ou com a ajuda de entes externos, “isto é, o mundo tem de ir ao seu encontro e recuperá-lo” (CAMPBELL, 2008, p. 120).

Ao retornar ao seu mundo, o herói precisa estar preparado para “aceitar como real, depois de ter passado por uma experiência da visão de completeza, que traz satisfação à alma, as alegrias e tristezas passageiras, as banalidades e ruidosas obscenidades da vida.” (CAMPBELL, 2008, p. 125).

Referente ao retorno do herói ao seu mundo pode-se dizer que Brasilino conta com o resgate de entes externos, já que é Filipe que convence e se encarrega de levar Brasilino enfermo da feitoria para o Rosário onde sua mãe e Tereza o aguardavam.

Foi difícil convencê-lo, mas sempre Brasilino acabou conformando-se com a ideia do Filipe. E na manhã seguinte, depois de muitas recomendações a Bojuí, ao velho, ao Poconeano e a todos os que ficavam, Brasilino partiu para o Rosário, montado no cavalo de Filipe (MARIEN, 2008, p. 155).

Assim, Brasilino volta ao seu mundo e aos cuidados de D. Paula e Teresa. A jornada desse herói, entretanto, teria um novo ciclo na mata se não fosse a morte prematura do mesmo.

Configura-se ainda, na obra mato-grossense, outro tipo de manifestação arquetipal referente ao protagonista Brasilino, que morre durante o último dia da festa de São Sebastião.

Dirigiram-se para a casa do Madaleno. Estava toda enfeitada com papel de seda e palmas de acuri.

_Nem a propósito!... – exclamou Madaleno, recebendo-os muito alegre. –Ainda estamos festejando São Sebastião... Hoje é último dia da festa... (MARIEN, 2008, p. 179)

São Sebastião nasceu na Itália ou na França, no século III aproximadamente. Quando jovem, integrou a força militar do Imperador Diocleciano, com fins de propagar a fé cristã entre soldados e prisioneiros. Denunciado por estar contrariando a lei, foi levado diante do imperador, e por não negar sua fé acabou por ser condenado à morte. Amarrado a um tronco foi alvo das flechas dos arqueiros, que mais tarde foram retiradas por Irene. Recuperado, Sebastião voltou à presença do imperador que ordenou que ele fosse açoitado até a morte.

Esse tipo de festividade sugere a contagem do tempo, por ser comemorada uma vez ao ano, e é parte do Regime Noturno de imagens defendido por Gilbert Durand (2002). A ideia de tempo cíclico é confirmada em muitas culturas sobre as quais estudiosos afirmam que o homem repete o ato de criação, em rituais, festividades, mitos, etc. A religião comemora de ano em ano todas as fases desde as origens, o que reflete o destino não como uma fatalidade, mas sim consequência desses atos humanos, que continuam o ciclo da vida através de rituais e sacrifícios.

Convém lembrar que a morte de um mártir é uma cerimônia pública, pois está relacionada à defesa de um ideal social. Essa condição remete ao poder do responsável por sua morte, já que, sendo a causa justa ou não, a vitória é o prêmio do mais forte. A morte pública, em alguns casos, enaltece o matador, por representar para os espectadores um castigo aos transgressores. Mas no caso de Brasilino, que era amado por seus companheiros, acentua ainda mais sua importância no contexto e confere a Gonçalo o caráter de traidor. No momento da morte, por estar entre desconhecidos, Brasilino é considerado apenas mais um poaieiro, alguém sem importância. Mas dado o modo como o personagem foi construído ao longo da narrativa, não é essa a sensação que o leitor tem. A sua morte passa a ser emblemática, pois o personagem reveste-se da aura de um mártir.

Se observarmos atentamente as atitudes de Brasilino durante a narrativa, veremos que ele é apaixonado por sua terra, acredita no velho Mato Grosso, diferente de Filipe que só pensa em “motorizar o sertão”. Defende-a e sofre pela exploração da terra e dos sertanejos que nela trabalham para enriquecer comerciantes. Aqui, é fundamental lembrar as palavras de Dante Gatto, autor do prefácio da obra de Marien reeditada pela editora Unemat na coleção “Obras Raras”:

[...] O velho Mato Grosso, rico em tradição, rígido nos costumes, desapareceu como os poaieiros, notadamente nosso herói, e o que temos é bem precisamente uma combinação, no atual estado contraditório do agro-negócio, do progresso representado por Felipe e a barbárie representada por Gonçalo (GATTO, 2008, p. 16).

De acordo com Gatto, Filipe representa os novos tempos advindos com o agronegócio que hoje é o carro chefe da economia estatal, enquanto Gonçalo simboliza a exploração dos trabalhadores e da terra. É de se saber que, Brasilino, como símbolo do estado antigo não suportaria a pressão do capitalismo e seu sistema de colonização, e nem a poaia resistiria à ambição humana. Como mártir, São Sebastião perdeu a vida por defender a propagação da fé cristã. Brasilino, como defensor do velho Mato Grosso, sucumbe diante do progresso e da exploração, que acaba por dizimar as matas mato-grossenses. O mesmo ocorreu com Chico Mendes, não um personagem, mas um seringueiro amazonense que após sua morte conseguiu chamar a atenção da mídia para sua luta. A morte, neste sentido, tem o valor de alerta à população.

No velório, os moradores retiram as velas antes dedicadas ao santo para iluminar o jovem. Brasilino tem mesmo tratamento dispensado ao mártir italiano, o que pressupõe equivalência entre os dois, sugerindo certa devoção às qualidades de Brasilino. “(...) Tiraram as velas que ardiam diante

da imagem de São Sebastião e puseram-nas piedosamente à cabeceira do morto, iluminando-lhe o rosto. (...)” (MARIEN, 2008, p. 181).

Analisado sob o viés mitológico, mais especificamente relacionado ao arquétipo do mártir, o personagem Brasilino, na leitura da obra como um todo representa uma oportunidade de conscientização dos leitores no que tange aos prejuízos provenientes da destruição da floresta, que é símbolo de aconchego, de intimidade, de proteção. Antes mesmo de sentirmos os efeitos da destruição do ambiente, a obra de Marien já o fazia. Essa é uma das características da arte e da literatura, estar a frente do seu tempo.

Considerações finais

Inserido em um contexto repleto de imagens simbólicas vive o único ser capaz de, por meio do raciocínio e da imaginação, atribuir significação a cada entidade presente em seu mundo. Correspondendo ao ciclo da vida, o homem nasce, cresce, procria e morre, e a mente humana deve se preparar para essa trajetória. A complexidade do tema relativo à passagem do tempo, no entanto, e a angústia gerada pela consciência da morte faz com que o homem busque meios de sobreviver a esse caos que é a sua vida. E é assim que surgem as estruturas do imaginário.

Cada conjunto de povos, culturalmente diferente, busca explicar a mortalidade da melhor forma cabível em seu cotidiano e nessas atividades surgem os mitos, as histórias de feitos heroicos dos ancestrais, como possível forma de compreender a realidade.

A obra de Alfredo Marien é rica em aspectos míticos e simbólicos. Dentre tantos, privilegiamos neste estudo a trajetória do herói Brasilino, admirado por sua ética, situação moral e qualidades, com alguns traços do heroísmo clássico, mesmo sendo um herói moderno. Ao morrer no dia em que é comemorado “São Sebastião”, esta “coincidência” nos serviu de base para analisar a relação entre os dois, a personagem da ficção e o santo. Ambos são vítimas de instrumentos cortantes em vias públicas. Assim, Brasilino, ao morrer torna-se mártir, emblema e prefiguração do que ocorrerá com a mata mato-grossense, tornando inevitável, conseqüentemente, o estudo do personagem sob o viés arquetípico.

Referente à estrutura é importante lembrar que o próprio título “Era um poaieiro” remete às estruturas narrativas que remontam a uma época antiga, sem que haja referencialidade temporal, é como nos contos de fadas. O termo usado refere-se ao tempo da ficção mas, na narrativa de Marien, o tempo faz parte do universo real, diferente do tempo mítico que conforme Brandão “não pertence à história” (BRANDÃO, 2001, p.192).

Referências

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega Volume III**. Petrópolis: Vozes. 2001.

CAMPBELL, Joseph. **Mito e Transformação**. São Paulo: Ágora, 2008.

_____. **O herói de mil faces**. São Paulo: Editora Cultrix/Pensamento, 1995.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**; trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes. 2002.

_____. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 3ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Diefel. 2004.

MARIEN, Alfredo. **Era um poaieiro**. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras: Unemat. 2008.

RIBEIRO, Maria Goretti. **Da literatura aos mitos: a mitopoética na literatura de Lya Luft**. Interdisciplinar, v. 7, nº. 7, ano 3, p. 59-79 – Jul/Dez de 2008.